Para quem já foi um Miles para outra pessoa.
Eu sei que, por vezes, pode parecer ingrato. Por isso, obrigada.
Este livro é uma carta de amor para vocês.

E, claro, para o Jon. Que me carregou às costas.

Primeira parte



DEPOIS

Capítulo Um

Este bebé não para de me julgar.

A carruagem na linha B trava e todos nós deslizamos cinco centímetros para o lado. Empoleirado no colo da mãe, com as tiras de um chapéu vermelho-vivo presas sob bochechas rechonchudas, de olhos sombrios e fixos, o bebé estuda-me, tentando decidir se tenho alma.

Ponho a língua de fora e faço as minhas orelhas abanarem.

Sem reação.

Puxo as bochechas para os lados e faço dentes de coelho.

Nem sequer pestaneja.

Por fim, quando estamos a chegar à minha paragem, numa última tentativa para ser considerada humana, uso o meu rabo de cavalo como bigode.

E já está. Finalmente. Consigo um sorriso radiante de dois dentes.

Ainda bem. Parece que afinal há uma alma neste meu corpo esgotado. Aceno em despedida e dirijo-me para oeste. Está um calor insuportável aqui fora e nem acredito que consegui reunir energia para isto.

Mas a verdade é que, quando perdemos a pessoa que mais amamos na Terra, de alguma forma, ainda temos de fazer coisas mundanas, como atar os sapatos e ganhar dinheiro suficiente para continuar a existir neste mundo extenuante. Por isso, persevero. Em direção a mais um trabalho de curto prazo como ama. Só para manter os Froot Loops na mesa. Apesar de preferir mil vezes rastejar para dentro daquele caixote do lixo e emergir daqui a uma década.

Oh, olha só. Já cheguei. É um gigantesco prédio de habitação em tijolo. A entrada é povoada por um grupo de pessoas que parecem tão felizes que não me surpreenderia se, de repente, as suas vidas se

transformassem num musical. Elas inundam o porteiro de malas, por isso subo em bicos de pés e grito-lhe para onde me dirijo.

— Ah. Estão à sua espera — exclama ele com um sotaque da Europa de Leste. — Décimo sétimo andar.

Quando o elevador assinala a chegada ao andar, já estou mais bem-disposta. Uma das antigas famílias para a qual trabalhei como *babysitter* recomendou-me a Reese para que eu pudesse ajudar com a sua filha enquanto ela está fora da cidade este fim de semana. Além disso, nestes piores seis meses da minha vida, a única coisa que me trouxe um vestígio de felicidade foi passar tempo com os miúdos de quem tomo conta. Estou entre empregos de momento, por isso é provável que esta nova família seja a única luz na minha vida durante algum tempo.

Toco à campainha e, dez segundos depois, a perfeição em pessoa abre a porta. Ela tem cabelo loiro num rabo de cavalo alto e está vestida com Lululemon da cabeça aos pés.

— Olá, chamo-me Reese. — Ela estende a mão e sorri tão genuinamente que dou por mim a sorrir de volta.

— Sou a Lenny. Prazer em conhecê-la.

— Podes tratar-me por tu. Obrigada por teres aceitado tão em cima da hora. A minha amiga Harper é que costuma ajudar nestas coisas, mas ela está ocupada durante o dia neste fim de semana. É ela quem vai ficar com a Ainsley durante a noite. Seja como for, entra, por favor. Recebeste o meu *e-mail*?

— Recebi — asseguro-lhe. Eram literalmente seis páginas e meia em entrelinhamento normal e repletas de tantos pormenores amorosos sobre como cuidar da filha que me vieram lágrimas aos olhos. Entro e descalço os sapatos, endireitando-os quando me apercebo de que todos os outros sapatos estão em pares perfeitos. Estamos num *hall* de entrada espaçoso, pintado num tom malva moderno e decorado com fotografias gigantescas a preto e branco.

— Então, a Ainsley está no… — A campainha volta a tocar mal a Reese fecha a porta, e ela franze o sobrolho. Volta a abrir a porta e os seus ombros sobem cerca de cinco centímetros quando vê quem é. — Tudo bem, Miles?

Vejo um homem parado do outro lado pela fresta da porta que a Reese acabou de abrir, e tenho a sensação de que ele pode ter enfiado o pé ali para que ela não possa fechá-la.

Ele não é bonito, na verdade. Talvez *sexy* de baixo nível. Tem vestida uma camisola com capuz, que costumava ser preta, esticada sobre dois grandes ombros e calças de ganga desbotadas. Cabelo perigosamente curto e escuro e o tipo de barba por fazer que nunca desaparece. A julgar por aquela carranca promissora, ele é do tipo que gostaria muito de ter uma rapidinha numa casa de banho pública com alguém que praticamente não conhece. Já estou a ver. Eu e ele vamos ter dois anos tumultuosos repletos de sexo, durante os quais as minhas chamadas vão parar constantemente ao *voicemail*. Ele vai deixar-me pendurada no Dia de Ação de Graças, acabando então comigo. Mas depois vai aperceber-se, horrorizado, de forma cataclísmica, que esteve apaixonado por mim o tempo todo. Vai voltar para mim a rastejar de quatro. Vou obrigá-lo a esperar à minha porta durante um ano antes de o aceitar de volta. A certa altura, haverá um anel com um diamante tão negro que vou conseguir ver a sua alma dentro dele. Casamo-nos no Halloween e ele vai dar-me como presente de casamento um brinquedo sexual. Parece-me arrebatador e divertido.

É provavelmente oportuno mencionar que crio instantaneamente fantasias elaboradas sobre quase todos os homens que conheço. Não estou a dizer que este tipo não é especial; afinal, acabei de me apaixonar.

Ele olha por cima do ombro da Reese e repara em mim, o seu olhar a estreitar-se e a absorver-me das meias às sobrancelhas. Acho que não passei no teste, porque ele inclina-se para a frente e assim começa uma agressiva (e quase silenciosa) discussão de sussurros entre os dois, e o ambiente aqui fica um pouco gelado.

Ocupo-me com as imagens a preto e branco à procura de algo para fazer. É então que me apercebo de que, na verdade, estou a olhar para fotografias gigantescas de alguém muito famoso.

— Desculpa lá aquilo — diz a Reese ao meu lado, e eu sobressalto-me. Não a tinha ouvido a aproximar-se. Ela tem um sorriso falso colado à cara e, quando olho para trás, o homem ainda está parado à porta,

agora totalmente aberta, com um olhar lançado intensamente na nossa direção.

— Sem problema — asseguro, e depois aponto um polegar para os retratos. — Grande fã do Willie Nelson?

— Hum? Oh! Ah. O Willie é fantástico. Mas aquele é o meu pai, ao lado dele. Andaram em digressão juntos durante uns tempos.

— Oh, uau! — Olho mais atentamente e, de facto, há outro tipo em todas as fotografias, ao microfone em algumas e a tocar uma *steel guitar* noutras.

— Carp Hollis — diz ela, fornecendo o nome de que eu claramente não me conseguia lembrar. — Já ouviste falar dele?

— O teu pai é o Carp Hollis? — Não percebo muito de *bluegrass* nem *country*, mas até eu sei que ele é praticamente realeza.

— Sim. É o meu pai. — Ela olha afetuosamente para as fotografias, antes de a sua expressão toldar. Reconheço imediatamente aquele olhar e o meu estômago aperta-se. — Ele morreu há cerca de um ano e meio. Este é o apartamento dele. Eu e a Ainsley ainda nos estamos a habituar a ele, para ser sincera… Porque não vens conhecer a Ains?

Ela começa a encaminhar-me para fora do corredor.

— Reese! — chama o homem que ainda está parado à porta.

Ela não se vira.

— Então fica se quiseres, Miles!

O meu olhar salta entre eles.

— Sou a Lenny — ofereço-lhe, com um pequeno aceno de mão. — Lenny Bellamy.

Ele está a ignorar-me, lançando um olhar fulminante à nuca da Reese.

— Aquele é o Miles. É o tio da Ainsley — diz finalmente a Reese, interrompendo o silêncio. — Ele mora no andar de cima. É provável que esteja por aqui hoje, se não te importares.

— Oh, hum. Claro que não… — Normalmente não gosto de fazer *babysitting* com plateia, mas afinal ele é o meu futuro marido, por mais irritadiço que seja.

O apartamento é gigantesco, bem decorado e elegante. Cozinha, sala de estar, sala de jantar, meia dúzia de quartos e casas de banho e, por fim, uma sala onde está um pequeno alguém a desenhar.

— Ains — chama a Reese.

O pequeno alguém não se levanta, apenas larga o seu lápis de cor e gira sobre os joelhos para nos encarar. Tem cerca de sete anos, com um cabelo despenteado e espetado como um dente-de-leão. Óculos roxos e pequenos aumentam os seus olhos para o dobro do tamanho, e ela está a nadar numa *T-shirt* muito desbotada de um concerto da Madonna.

— Isso é um gato a comer lasanha na tua camisola? — pergunta-me ela.

— É o Garfield — esclareço.

— Quem é esse?

— Oh, ainda bem que vamos passar o fim de semana juntas, porque tenho muito a ensinar.

Ela remexe nervosamente na bainha da sua *T-shirt*.

— *OK*.

— Sou a Lenny — digo, e deixo os adultos para me sentar ao lado dela. — Como é que te chamas?

Ela franze-me o sobrolho.

— A mãe não te disse?

Eu sorrio.

— Disse, mas normalmente as pessoas começam a conhecer-se ao apresentarem-se.

— Oh. Sim. Chamo-me Ainsley. — Ela faz uma cara de nojo.

— Não gostas do teu nome?

— Há mais três Ainsleys na minha escola. De outros anos, mas… — Ela encolhe os ombros.

— Oh, a sério? Uau. Ainsley parece-me um nome invulgar. Se pudesses escolher outro nome qualquer, qual seria?

Ela volta a encolher os ombros, ainda nervosa por me conhecer.

— Não sei. Algo mais fixe. Tipo… Barba Negra. Ou Darth Vader.

Desato a rir, e ela tenta esconder o sorriso de satisfação enquanto continua a remexer na bainha da *T-shirt*.

Gosto imediatamente dela, e, consequentemente, gosto mais da mãe dela. Esta morada na zona chique da cidade, o rabo de cavalo perfeito da Reese, Lululemon da cabeça aos pés, eu teria apostado muito dinheiro em como a Ainsley tinha sido cuidadosamente arranjada para

ser uma mini-Reese. Já vi isso antes. Mas a Reese e a Ainsley são um par adoravelmente estranho.

A Reese está encostada à porta e a sorrir para nós.

— Ouçam, vou tratar de uma coisas no meu escritório antes de sair. Vem ter comigo se precisares de alguma coisa, Ains.

— *OK.*

A Reese desaparece com um aceno e a Ainsley volta a olhar para a porta.

— Oh. Olá, Miles.

— Olá. Eu também vou estar por aqui… se precisares de mim.

A Ainsley fica instantaneamente confusa.

— Porque é que eu precisaria de *ti*? — pergunta ela, com aquele jeito inocente, mas totalmente desolador, que as crianças têm.

Durante a duração de um único *flash* de câmara, o Miles parece mortalmente ferido. Mas, depois, o seu olhar endurece ao desviar-se para mim.

— Caso seja preciso — solta ele.

O Miles desaparece e a Ainsley volta a concentrar-se na bainha da *T-shirt*.

Muuuuito bem. Parece que temos aqui algumas *dinâmicas familiares* com que lidar.

Vejo algumas folhas de papel e sirvo-me. A Ainsley empurra alguns lápis de cor na minha direção. Meia hora mais tarde (depois de o estômago dela começar a fazer barulhos demoníacos) estamos a explorar o frigorífico e a despensa, a conversar sobre o que podemos preparar e a rir-nos do mau cheiro do queijo fino na gaveta do queijo.

Há dois momentos em que penso que está mais alguém ali, mas quando levanto o olhar, estamos sozinhas. À terceira vez, é a Reese que está à porta, a sorrir.

— Vou sair daqui a pouco — avisa. — Queres vir ajudar-me a escolher as minhas joias para o fim de semana, querida?

A Ainsley apressa-se atrás da mãe e eu fico na cozinha a fazer o almoço. Ponho as mãos nas ancas e começo a analisar lentamente as minhas opções.

— Que idade tens?

Sobressalto-me com a voz grave e inesperada atrás de mim. O Miles está na outra ponta da cozinha, encostado ao balcão.

— Vinte e oito. Vais ficar para o almoço?

— Não preciso que me alimentes.

Ainda bem que não sou fácil de assustar.

— Achas que a Ainsley prefere o macarrão com *cheddar* branco ou as estrelas e luas com duplo queijo?

— Acho que a mãe dela prefere que ela coma algo que não seja puramente químico.

Simplesmente ignoro o comentário, porque a Reese é presumivelmente a pessoa que comprou o macarrão com queijo. Começo a procurar uma panela nos armários.

— Que idade tens *tu*?

Ele franze o sobrolho.

— Tens muita experiência a cuidar de crianças?

— Sim.

Está à espera que eu entre em detalhes, mas quando não o faço, ele cruza os braços sobre o peito.

— O que procuras?

— Uma panela. Há muito espaço nesta cozinha. — Já abri seis conjuntos de portas e ainda não a encontrei.

Ele não me ajuda, o que me leva a crer que ou quer tornar a minha vida o mais difícil possível ou não conhece bem a cozinha delas.

Será *tio* um eufemismo? Eles não parecem conhecer-se muito bem. Ou até *gostar* muito um do outro. Com base na forma como ele está a agir, eu poderia ter pensado que talvez fosse o pai superprotetor da Ainsley, mas a Reese deixou bem claro, quando falámos ao telefone no início da semana, que concebeu a Ainsley sozinha e que é mãe solteira. Provavelmente para eu não meter o pé na argola e perguntar à Ainsley sobre o pai.

— Tudo pronto — diz a Reese, reaparecendo com uma mala de rodinhas numa mão e a Ainsley agarrada à outra. — Tenho de me despachar se quero apanhar o meu voo. — Ela baixa-se e dá um abraço à Ainsley. — Vai correr muito bem. E são só duas noites. Vemo-nos depois da escola, na segunda-feira.

A Ainsley acena com a cabeça, como se já tivessem falado sobre isto.

— Eu sei.

— *OK*. Bem, Lenny, obrigada. Salvaste-me a vida. Liga-me por *qualquer* motivo.

Ela dá um aceno de cabeça ao Miles e dirige-se para a porta da frente. A Ainsley saltita atrás dela e eu sigo nessa direção, querendo dar-lhes algum espaço para se despedirem, mas também querendo estar à mão.

A Reese para junto à porta da frente e calça os sapatos, dizendo algo baixinho à Ainsley.

— Eu *sei,* mãe — diz a Ainsley, um pouco irritada. — Vai lá. Vais chegar atrasada.

A Reese dá-lhe um último beijo no cabelo espetado e depois a porta fecha-se atrás dela.

A Ainsley caminha determinadamente na minha direção e, mesmo daqui, consigo ver lágrimas nos seus olhos e o seu queixo a tremer.

— De que tipo de filmes gostas? — pergunto-lhe.

Ela para de repente.

— Não tenho permissão para ver filmes durante o dia.

— Bem, vamos abrir uma exceção.

— A sério?

— A sério.

— Gosto do Indiana Jones.

Estou encantada.

— Vamos a isso.

A Ainsley come alegremente duas taças de estrelas e luas enquanto o Indy abre caminho aos socos por uma multidão de fascistas, e eu considero isso uma vitória.

Quando acabamos de almoçar, ela já não parece tão tristonha, mas eu quero mantê-la o mais distraída possível, por isso vasculhamos a despensa e descobrimos uma caixa de mistura para bolos e cobertura. Fazemos alegremente uma confusão enorme na cozinha e deixo-a dar um tom verde-ácido à cobertura de baunilha com corante alimentar.

— Queres saber uma velha tradição na minha família?

— Claro — diz ela, misturando cuidadosamente a cobertura com a língua de fora. Ela está a usar um avental cinquenta vezes grande

demais e está em cima de uma das cadeiras da sala de jantar para chegar ao balcão.

— Quando fazemos *cupcakes*, fazemos sempre um da sorte e escondemo-lo com os outros.

— Como é que se faz um *cupcake* da sorte?

— Bem, primeiro enchemos os copos com massa e depois escolhemos um deles para ser o da sorte. Este ou este? — pergunto.

— Aquele. — Ela aponta.

— Está bem. E depois metes algo inesperado na massa.

— Tipo o quê?

Abro o frigorífico e analiso as minhas opções.

— Tiiiipo… uh! Azeitonas verdes. Ou um bocadinho de fiambre, talvez? Que tal…

Ela desata a rir.

— *Que nojo!*

— Sim — concordo. — Mas tão divertido. O que vamos escolher?

Ela desce da cadeira e vem ver.

— Que tal aquelas cebolas que a mãe põe nas bebidas chiques?

— Cebolas de *cocktail*. PERFEITO. Acho que tens jeito para isto.

Abro-lhe o frasco e ela espeta a cebola tão fundo no *cupcake* que fica com massa até meio do dedo.

A mãe telefona para saber como ela está enquanto os *cupcakes* estão a cozer e a Ainsley começa a chorar depois de desligar. Parece ser uma boa altura para oferecer o tempinho de videojogos que lhe é atribuído por dia, e ela aproveita logo a oportunidade. Quando acaba de andar às voltas pelo universo num foguetão cor-de-rosa, os *cupcakes* já estão suficientemente frios para pormos a cobertura.

Cada uma de nós come um *cupcake* depois do jantar, e decidimos que estamos simultaneamente aliviadas e desapontadas por não nos ter calhado o *cupcake* da sorte.

— Está a ficar tarde — diz o Miles, vindo do nada, e tanto eu como a Ainsley guinchamos e saltamos.

— Ainda estás aqui?!

— É hora de ela ir dormir — diz ele, franzindo o sobrolho e cruzando os braços sobre o peito. Eu não diria que ele é muito gentil, mas

perdoo-o porque está a usar *aquela* camisola e eu estou apaixonada e ele vai ser tudo para mim um dia.

— Oh, tens razão. Pois. Distraí-me um bocado.

— Não me digas. — Ele faz má cara ao olhar para a massa derramada no balcão, os pratos no lava-loiça a pingar, as embalagens abertas de carne, queijo e pão que usei para fazer sandes ao jantar.

— Vou tratar disso — declaro com um aceno. Abro o *e-mail* da Reese e salto para as páginas quatro e cinco. — Ainsley, vamos começar os procedimentos de ir para a cama?

Ela sai da mesa e dirige-se para o seu lado do apartamento sem uma única queixa. Ou está cansada ou ainda não me conhece suficientemente bem para discutir.

Toma um duche e eu ajudo-a com os botões complicados do pijama depois de lavar os dentes. Ela enfia-se numa pilha impressionantemente gigantesca de peluches, parecendo o E.T., e pergunta se pode ler um pouco antes de dormir. Entrego-lhe o seu livro de cabeceira, que se chama *Mistérios do Esquilo Genial Arquivo #48,* e algo me diz que ela já leu os outros quarenta e sete.

— Vou estar na sala de estar até a Harper chegar para passar a noite, mas vemo-nos amanhã bem cedo, está bem?

Ela acena solenemente com a cabeça, já virada para a parede com o seu livro, e parece tão pequenina de pijama. Deixo-a ter a sua privacidade e fecho a porta atrás de mim.

A alcatifa daqui deve ter meio metro de espessura, por isso volto para a cozinha sem fazer barulho, congelando no lugar quando ouço o Miles a sibilar para o telemóvel na cozinha.

— Vá lá, Reese. Ela deixou a Ainsley ver televisão o dia todo. Só comeram porcaria. Videojogos durante horas. A casa está uma confusão total. Onde é que encontraste esta miúda? Parece que acabou de sair de uma farra de semana e meia. Não devíamos, sei lá, fazer-lhe um teste de drogas ou algo do género?

E, uau. Sem mais nem menos, a minha fantasia amorosa desmorona.

Mas que parvalhão.

Entro na cozinha e levanto as minhas sobrancelhas ao encará-lo. Ele fica rígido, com os olhos nos meus, passando constrangidamente uma

mão pelo cabelo. Para minha satisfação, quebra o contacto visual primeiro e sai da divisão, terminando a chamada telefónica com a Reese noutro lugar.

Num instante, deixo a cozinha a brilhar, por isso pego nas minhas coisas e instalo-me na sala de estar à espera da Harper.

Estou no sofá e a remexer na minha mochila quando:

— Então…

— Ah! — Dou um salto com a voz súbita atrás de mim. A minha mochila cai no chão. — Para de fazer isso!

— Desculpa — murmura ele, e não consigo perceber por que parte está a pedir desculpa, mas, de qualquer forma, não é suficiente. O olhar dele baixa-se para a minha mochila caída. A minha carteira e um livro deslizaram pelo chão em direção aos seus pés. As nossas mãos estendem-se até eles no mesmo momento, mas as dele congelam.

O título do livro, *Você e o Luto,* está virado para nós. *A vida após a Morte de um Ente Querido.*

Consigo sentir os seus olhos a desviarem-se do livro para o meu rosto e de volta ao livro.

Odeio tanto este livro. Se a minha mãe não mo tivesse dado no funeral, com uma dedicatória escrita na sua linda e perfeita caligrafia, provavelmente já o teria atirado ao rio Hudson.

— Então… — Oh, céus. Ele está a tentar falar outra vez.

Não. Já aturei o suficiente esta noite. Enfio o livro na minha mochila.

— Há *cupcakes* acabados de fazer na cozinha — ofereço-lhe docemente, antecipando-me a ele e vendo a sua cara de confusão com a minha mudança de tom.

Viro-lhe as costas e ligo a televisão. Passado um momento, ele parece aceitar que não haverá mais discussão da minha parte e, em silêncio, volta para a cozinha. Faço figas para que ele esteja a escolher o *cupcake* no topo da pirâmide que concebi.

Estou atenta à cozinha, baixando o volume o suficiente para o ouvir a engasgar-se e a tossir.

— Mas que raio? — murmura ele, incrédulo, enquanto atira o *cupcake* da sorte para o lixo.

Suspiro com uma doce satisfação e recosto-me no sofá.

Duas melhores amigas estão sentadas de frente uma para a outra numa cama de solteiro. Uma delas vai morrer cedo demais. A outra sou eu.

Estão a comer batatas fritas de sal e vinagre e a tentar perceber como é que a vida pode sequer continuar depois de uma perda indescritível.

— Olha… depois disto, vais ter de voltar à vida. Não se pode viver estando morto, sabes.

— Diz quem?

— Digo eu, a tua melhor amiga.

— Muito bem, Grande Sábia. Então explica-me como. Como é que é suposto eu voltar à vida depois de…

— Oh, vá lá, só te sabes queixar. Onde está a T-shirt *com a cara sorridente que te comprei? Achas que foi irónico? Nem pensar. A vida é para os vivos, blá-blá-blá.*

— É fácil para ti dizeres isso, idiota. Não és tu quem vai ter de passar pelo depois.

— Oh, meu Deus! Acabei de ter uma ideia brilhante para o slogan de uma T-shirt. *Estás pronta?*

— Atira.

— A vida é o que acontece durante o blá-blá-blá.

— Nós vamos ser ricas.

— Não é?

— …

— …

— Não fazes mesmo ideia de como voltar a viver do outro lado disto? Tipo, a sério? Nenhuma ideia?

— Nem uma.

— Pronto, está bem. Eis o que vamos fazer. Vamos tornar tudo tão fácil. Mais fácil é impossível. Vamos fazer com que seja de escolha múltipla.

— *A minha vida?*

— *Sim. Vamos fazer uma lista. Tudo o que tens de fazer é seguir a lista. Escolhe a tarefa, completa a tarefa, recupera a tua alegria de viver.*

— *Uma lista para voltar a viver?*

— *Bingo.*

— *Olha, sim, és a minha melhor amiga. Obviamente tens boas intenções. Sei que, às vezes, não é fácil estar comigo. Mas… podemos simplesmente não falar sobre isto? Tentar imaginar como seria viver de novo. Viver sem… Podemos simplesmente não falar sobre isto, por favor?*

— *Vamos fazer a lista. Se quiseres deitá-la ao lixo depois, tu é que sabes. Onde está a minha caneta cor-de-rosa?*

— *Não consigo impedir-te, pois não?*

— Item *número um da lista Voltar a Viver: apaixonares-te por um homem lindo que é obcecado por ti e é, tipo, um bombeiro ou algo do género.*

— *Uau, até escreveste o «ou algo do género»…*

— *Deve haver uma pequena margem de manobra para aumentar as probabilidades de realmente acontecer.*

— OK. *Percebido. Homem lindo. Deve ser fácil.*

— *É isso mesmo, miúda.* Item *número dois: usar roupas ridiculamente feias e fingir que são estupidamente caras. Depois, comer* amuse-bouches *e ir a um leilão de arte e fazer uma oferta baixa numa obra de preço ultrajante.*

— *A menos que «amuse-bouche» seja uma palavra chique para «cachorro-quente», não quero.*

— *Está bem, só a arte, então.*

— *No Met*[1]*?*

— *Sempre… Aposto que a tua mãe te deixaria usar os casacos de peles vintage da tua avó.*

— *Está bem! Mas quero um daqueles chapéus como a Jackie Kennedy usava, com renda sobre os olhos.*

— *Combinado. Usa o que quiseres, o Met está na lista como um* item *próprio. Agora o próximo* item…

— *Pode não haver mais* itens *por agora? Dói pensar nisso.*

[1] «The Metropolitan Museum of Art», maior e mais influente museu de arte, fundado em 1870 e situado em Nova Iorque. [*N. da R.*]

— Sinto que te devo avisar. É provável que nunca deixe de doer. Só achei que devias saber.

— Eu sei.

— E é por isso que precisas da lista. Quando eu não estiver por perto, podes usá-la para…

— Vamos ver o Clueless *e comer sandes.*

— És uma verdadeira rainha da distração. Está bem, mas só porque sabes que o bacon é o meu ponto fraco… Não vais deitar a lista ao lixo?

— Bem. Estás a ter todo este trabalho para a fazer. Acho que o mínimo que posso fazer é guardá-la.

Isto é uma história de amor, juro.

Isto é o que acontece quando prometemos a alguém que vamos voltar a viver.

Capítulo Dois

Facto pouco conhecido: o *ferry* Staten Island é o único bar da cidade aberto vinte e quatro horas por dia. Vai e volta toda a noite e nunca nos expulsam. O que é extremamente útil sempre que não aguento voltar a casa.

Não voltei a ver o Miles antes de uma tal Harper me vir substituir. Tinha de estar de volta ao trabalho dentro de seis horas, e digamos que a viagem de ida e volta até Brooklyn foi a razão pela qual optei por fazer do *ferry* de Staten Island a minha casa durante a noite.

Vamos ignorar o facto de que, mesmo nas melhores circunstâncias, evito o meu apartamento a todo o custo. É um mausoléu e a física do tempo e do espaço não faz sentido lá dentro. Posso entrar no meu apartamento e passam-se três dias sem nada além de uma caixa de cereais para comer e nem um duche.

Por isso, hoje em dia, prefiro dormir em qualquer sítio que não a minha própria cama.

É por isso que, à meia-noite e quarenta e cinco, dou por mim a lavar a cara na casa de banho do *ferry* e a admitir que o Miles pode ter razão quanto ao meu aspeto. Pareço um guaxinim com estas olheiras e tenho o cabelo em péssimo estado (demasiado comprido e emaranhado) num rabo de cavalo descuidado. A minha pele está seca, sem maquilhagem. O meu (outrora adorado) *piercing* na sobrancelha parece um erro deprimente sob esta iluminação. As minhas roupas amarrotaram-se ao longo do dia e é evidente que perdi muito peso demasiado depressa.

Lá porque ele tem razão sobre o meu aspeto, isso não o torna menos idiota. Porque ele atribuiu a culpa ao alcoolismo ou à toxicodependência, o que, por si só, já é uma parvoíce. Mas o que é suposto eu fazer, andar

com um cartaz? *Não sou uma drogada, estou apenas a ter uma crise de saúde mental debilitante enquanto lido com o capítulo mais excruciante da minha vida.*

Talvez isso me ajudasse a conseguir trabalhos como *babysitter*.

Todo o riso animado e a criatividade encorajadora que reuni para a Ainsley evaporam-se quando olho para a minha cara encharcada no espelho. Tudo o que me resta é o nevoeiro sufocante e iminente da noite, tentando desesperadamente encontrar um sono que definitivamente não virá.

Encontro uma zona isolada e coloco a minha mochila atrás da cabeça. Ei, quem abriu a torneira? Todas as lágrimas que não chorei à frente da Ainsley começam a descer pelo meu rosto.

Talvez tenha dormido. É difícil de perceber, na verdade, mas às cinco e meia os sapatos de uma mulher de negócios estalam ao passar por mim e volto à consciência plena. Sou uma sinfonia de articulações emperradas e bocejos enquanto me dirijo para o outro lado do *ferry*, à espera de terra firme.

Desembarcando em Manhattan, começo a subida de volta à casa da Reese e da Ainsley. Quando chego ao Upper West Side, meto a mão no bolso e procuro o pequeno pedaço de papel plastificado que trago comigo para todo o lado. Os cantos, outrora afiados, foram suavizados pela preocupação implacável dos meus dedos. Recorda-me que tudo o que tenho de fazer é recompor-me por tempo suficiente para estar com esta miúda fantástica. Isso consigo fazer.

Quando entro no elevador, tiro a mão do papel plastificado. Quando chego ao andar delas, já estou em condições de trabalhar.

Claro que o Miles é a primeira pessoa que vejo, junto à porta do apartamento, à espera de que a Harper o deixe entrar.

— Oh. Olá — digo.

Ele grunhe e mantém o olhar na porta fechada.

Claramente ele não vai oferecer nenhuma conversa fiada para preencher o silêncio. Porque ele é um espírito malvado. Mas, na minha vida anterior, eu até era uma pessoa bastante encantadora e, aparentemente, os velhos hábitos são difíceis de deixar, mesmo quando tudo o resto te foi arrancado.

— Como foi a tua noite? — Ouço-me a perguntar.

Ele vira-se e olha-me da cabeça aos pés. Tenho a certeza de que pareço uma das criaturas que dança o Monster Mash.

— Descansada — diz ele, e posso jurar que há um mundo enterrado naquela palavra.

— Que sorte — retruco; e a Harper abre a porta de rompante.

— Entra! Entra. — Ela está curvada, com um dedo enfiado na parte de trás do salto alto que está a calçar. Veste um fato de saia ao estilo da Ally McBeal e está a arrasar com o visual. Um ano antes, na minha vida anterior, eu provavelmente teria exigido que ela me dissesse que tipo de champô usa. Os olhos dela fixam-se no Miles. — Oh. Miles. A Reese mencionou que provavelmente estarias aqui.

O Miles coça a nuca e levanta ligeiramente o queixo.

E é isso. A saudação não passa disto.

O sobrolho da Harper desce, mas ela volta-se para mim, claramente habituada a ele.

— A Ainsley já se levantou da cama, mas ainda não tomou o pequeno-almoço. Vemo-nos por volta das nove da noite, Lenny?

— Claro! Ótimo. Tem um bom dia de trabalho. — Levanto-lhe dois polegares e ela sorri, levantando um polegar também.

E, então, ela sai em direção ao elevador e consigo entrar pela porta da frente meros centímetros antes do Miles.

— Então — diz ele atrás de mim, mas depois a Ainsley desliza até ao *hall* da entrada de meias, ao estilo *Risky Business*.

— Ei, Lenny, vem ver o que eu fiz.

Sigo-a até à sala de estar e, apesar de estarem a passar desenhos animados na televisão, a Ainsley está de costas para ela. Todos os peluches da cama dela foram deslocados e estão dispostos de forma organizada. Ajoelho-me ao lado dela para observar melhor. Há um urso colorido num pequeno pedestal de livros, de frente para todos os outros peluches, que foram cuidadosamente colocados para estarem sentados ombro a ombro num grande quadrado.

— Estão num concerto — informa-me a Ainsley, solenemente.

Claro que estão! Adoro.

— Ah — respondo, igualmente solene. — Mas onde estão os bilhetes deles?

— Oh! Não pensei nisso…

Levanto-me com um salto e vou à outra sala buscar material, regressando com papel, lápis de cor e uma tesoura.

— Volto daqui a uns minutos para verificar os vossos bilhetes, está bem? — Dirijo-me aos peluches presentes com as mãos nas ancas. — Quem não tiver bilhete, vai levar com a bota.

— A bota? — questiona a Ainsley.

Escolho um sacrifício. É um hipopótamo de peluche com um pequeno par de óculos de arame cosido. Atiro-o ao ar e depois dou-lhe um pontapé que o atira para o outro lado da sala.

— A bota.

A Ainsley desata a rir.

Vou recuperar o hipopótamo.

— Peço desculpa, senhor. Senhora. Ilustre colega. Apenas serviu de exemplo do que acontece a quem não tiver bilhete.

A Ainsley começa a preparar os bilhetes.

— Vou fazer o pequeno-almoço, está bem?

Ela acena com a cabeça, já absorta na tarefa.

— Ovo não muito passado e uma tosta de salmão, por favor.

A mãe dela já me informou que este é o pequeno-almoço da Ainsley todas as manhãs, faça chuva ou faça sol. Mas, ainda assim, estou absolutamente encantada. Não conheço mais nenhuma criança de sete anos que opte voluntariamente por peixe fumado e ovos malpassados.

Estou a verificar novamente o *e-mail* que a mãe dela me enviou, a explicar exatamente como preparar tal pequeno-almoço, quando ouço a Ainsley a falar da sala de estar.

— Oh! Olá, Miles. Estás cá outra vez?

— Decidi só… passar por aqui — diz ele naquela voz grave que é tão difícil de ouvir.

— Porquê? — insiste ela, e contenho uma risada. As crianças têm sempre maneira de identificar o cerne da questão e arrasar o mesmo.

Sim, Miles. Por que raio estás aqui?

Ele aclara a garganta.

— Pensei que podia só… estar por aqui.

Não é uma verdadeira resposta, mas a Ainsley parece aceitá-la, porque não há mais perguntas.

Não sou grande fã de ovos malpassados e tosta de salmão, mas estou tão curiosa que faço duas porções. Salpico o toque final de alcaparras e cebola roxa e viro-me para pousar o nosso pequeno-almoço na mesa da cozinha. Sobressalto-me quando vejo o Miles à espreita, franzindo o sobrolho para a máquina de café. Ele semicerra os olhos, franze ainda mais o sobrolho e, sem querer, pressiona dois botões ao mesmo tempo. Faz um pequeno e triste *bip*.

Deslizo a comida para a mesa e coloco-me em frente à máquina de café com um suspiro.

Ele recua e olha para lá de mim, estreitando os olhos para os pratos.

Quase me justifico: *Eu e a Reese concordámos que posso comer o que quiser enquanto estiver aqui, está bem? É habitual alimentar a* babysitter *quando ela está a trabalhar o dia todo, está bem?* Mas opto por deixá-lo a remoer nos seus juízos ridículos, preparando o meu café em menos de quarenta segundos e depois regressando à sala de estar.

Assim que a Ainsley me vê, ponho as mãos nas ancas e mostro uma expressão dura.

— Estou aqui para verificar bilhetes.

Há pedaços de papel espalhados num arco largo. Ela está de joelhos, a saltitar com o entusiasmo.

— Verifica os bilhetes!

De início, penso que ela está apenas entusiasmada por me mostrar os bilhetes que recortou cuidadosamente para cada peluche. Mas depois apercebo-me de que o seu entusiasmo se deve ao facto de só ter distribuído bilhetes a metade dos peluches. Ela quer que eu dê com a bota à outra metade. Expulso alegremente os peluches sem bilhete, pontapeando-os pela sala e fazendo a Ainsley gritar de riso. Ela própria dá uns pontapés, até decidir que tem demasiada fome para continuar. Deixamos a confusão para trás e dirigimo-nos para a cozinha.

O Miles está na outra ponta da mesa, com um ar carrancudo e uma chávena de café. O meu estômago aperta-se. Aparentemente, ele pretende ter um lugar de primeira fila para tudo o que eu e a Ainsley fazemos.

Ocorre-me uma ideia.

— Ei.

A Ainsley vira-se para mim enquanto bebe sumo de laranja, segurando o copo com as duas mãos.

— Achas que devemos ser superchiques hoje? — pergunto-lhe.

— Como assim?

— Eu mostro-te depois do pequeno-almoço.

Acabamos de comer (forço-me a engolir a minha comida; estas texturas não são para mim; ainda bem que só me servi um quarto de porção) e levamos os peluches de volta para o quarto em braçadas. Abro o caixote de fantasias em que tinha reparado no dia anterior. O seu conteúdo é ainda melhor do que eu esperava.

— Sabes, temos muitas coisas para fazer hoje — explico-lhe. — Museus. Almoço na casa de chá. Uma matiné.

— Espera. A sério?

A Reese deixou-me um cartão de crédito e disse-me para divertir a Ainsley, por isso vou acreditar na palavra dela. Além disso, tenho uma razão muito boa para nos tirar de casa hoje.

— Sim. Mas o problema é que estes são lugares mesmo muito chiques. E não podemos aparecer de calças de ganga e *T-shirt*. — Aponto para a minha triste vestimenta. (As mesmas calças de ontem, uma *T-shirt* para me gabar de que participei numa caminhada em 2006 e uma camisola do Poupas à cintura). — Precisamos de nos vestir adequadamente. — Aponto para as suas fantasias e ela ganha um brilho nos olhos.

— Deixa-me tirar o pijama!

Enquanto ela está a fazer isso, envio uma mensagem à Reese a explicar o meu plano e recebo imediatamente um polegar para cima. Compro bilhetes para o MoMA[2]. O Met é provavelmente mais sofisticado, mas eu não vou lá desde… Não, não vou pensar nisso agora.

Faço rapidamente uma reserva para o almoço na casa de chá. Por último, mas não menos importante, tento arranjar bilhetes de última hora para um espetáculo da Broadway, mas não tenho sorte. Por isso, contento-me com uma matiné de cinema.

[2] «Museum of Modern Art», um dos museus de arte moderna mais influentes do mundo, localizado em Midtown Manhattan, Nova Iorque. [*N. da R.*]

A Ainsley sai da casa de banho com uma *T-shirt* enorme do Billy Joel e uns calções.

Junto as palmas das mãos.

— Vamos lá ser chiques.